
Faculdade de Tecnologia de Americana – Ministro Ralph Biasi

Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial

Guilherme Henrique Queiroz

**O SENTIDO DO SOFRIMENTO NO TRABALHO: UMA ABORDAGEM
SEGUNDO A VISÃO DE VIKTOR FRANKL**

Faculdade de Tecnologia de Americana – Ministro Ralph Biasi

Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial

Guilherme Henrique Queiroz

**O SENTIDO DO SOFRIMENTO NO TRABALHO: UMA ABORDAGEM
SEGUNDO A VISÃO DE VIKTOR FRANKL**

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso de Gestão Empresarial, sob a orientação do Prof.º Me. Ricardo Bertoni Pompeu.

Área de concentração: Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho

Americana, S.P.

2019

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Fatec Americana - CEETEPS
Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte

Q44s QUEIROZ, Guilherme Henrique

O sentido do sofrimento no trabalho: uma abordagem segundo a visão de Viktor Frankl. / Guilherme Henrique Queiroz. – Americana, 2019.
47f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial)
- - Faculdade de Tecnologia de Americana – Centro Estadual de Educação
Tecnológica Paula Souza

Orientador: Prof. Ms. Ricardo Bertoni Pompeu

1 Psicologia aplicada à administração I. POMPEU, Ricardo Bertoni
II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de
Tecnologia de Americana

CDU: 159.9:658

Faculdade de Tecnologia de Americana

Guilherme Henrique Queiroz

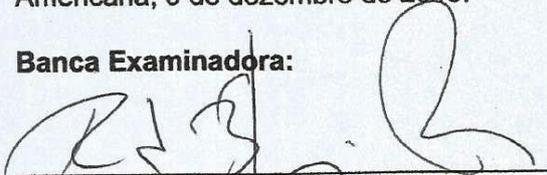
**O SENTIDO DO SOFRIMENTO NO TRABALHO: UMA ABORDAGEM
SEGUNDO A VISÃO DE VIKTOR FRANKL**

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Empresarial pelo Centro Paula Souza – FATEC Faculdade de Tecnologia de Americana.

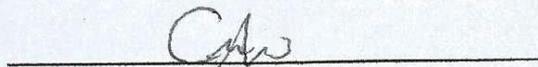
Área de concentração: Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho

Americana, 9 de dezembro de 2019.

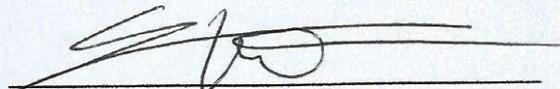
Banca Examinadora:



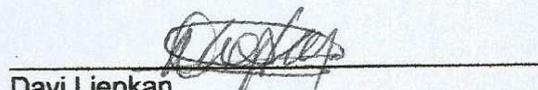
Ricardo Bertoni Pompeu
Mestre
Faculdade de Tecnologia de Americana



Carlos Augusto Amaral Moreira
Doutor
Faculdade de Tecnologia de Americana



Enrique Viana Arce
Doutor
Faculdade de Tecnologia de Americana



Davi Liepkan
Psicólogo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, que além de terem me trazido a existência – mesmo sem meu consentimento – me suportam por todo esse tempo, apesar das minhas crises existenciais.

Agradeço também ao meu orientador, pela paciência e por me ajudar, indicando o caminho para o desenvolvimento deste trabalho.

“Toda a nossa ciência, comparada com a realidade, é primitiva e infantil – e, no entanto, é a coisa mais preciosa que temos”

Albert Einstein

RESUMO

O tema da motivação tem sido bastante discutido atualmente no âmbito organizacional, que se apresenta como uma forma das organizações tentarem entender seus colaboradores e melhorar o ambiente de trabalho. No entanto, muitas vezes as ideias estabelecidas tendem a generalizar aspectos individuais, não levando em consideração cada indivíduo como ser autônomo. Dessa forma, o presente trabalho é uma pesquisa exploratória qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, e tenta entender e analisar como cada indivíduo lida com o sofrimento em seu trabalho. Para isso, utiliza a visão de Viktor Frankl, psiquiatra austríaco, criador da logoterapia, que sofreu nos campos de concentração do regime nazista, e expressava a ideia de que era possível encontrar sentido mesmo sob condições extremas. Por meio da revisão de literatura, foram apresentadas bases sobre o sofrimento no trabalho expressas por Dejours, e referências a respeito da psicologia existencial, área da psicologia onde as ideias de Frankl se encaixam. A pesquisa se deu através de levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas em ambiente sem interferência externa. Verificou-se que, possivelmente, os sofrimentos enfrentados no trabalho têm forte relação com o próximo: a falta de reconhecimento, a competição e em algumas vezes a falta de empatia. Enfim, a visão de Frankl pode ser uma útil ferramenta para verificar e tentar compreender como o indivíduo lida com seu sofrimento, e quais os possíveis fatores causadores do sofrimento.

Palavras-chave: Sofrimento no trabalho. Viktor Frankl. Psicologia existencial.

ABSTRACT

The theme of motivation has been widely discussed at the organizational level and is presented as a way for organizations to try and understand their employees and improve their work environment. However, established ideas often try to generalize individual aspects, disregarding the person as an autonomous being. Thus, this paper presents a qualitative exploratory research, conducted through semi-structured interviews, and tries to understand and analyze how each individual deals with work-related suffering. Thereunto, we made use of the views presented by Viktor Frankl, Austrian psychiatrist and creator of logotherapy, who suffered through the Nazi regime's concentration camps and expressed the idea that it was possible to find meaning even under extreme conditions. Through a literature review, we presented the references on the subject of work-related suffering according to Dejours and on existential psychology, a field of psychology that includes Frankl's ideas. The research included a bibliographic review and semi-structured interviews in an environment with no external interference. We concluded that there is a possibility that work-related suffering bears a strong relationship with interpersonal relationships: lack of recognition, competition and sometimes lack of empathy. Finally, Frankl's views can be a useful tool in verifying and understanding how the individual deals with their suffering and what are the possible factors that cause that suffering.

Keywords: *Work-related suffering. Viktor Frankl. Existential psychology.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Situação-Problema	9
1.2 Objetivos	9
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.2.2 Objetivos Específicos	10
1.3 Justificativa	10
2. TRABALHO	11
3. SOFRIMENTO NO TRABALHO	13
4. PSICOLOGIA EXISTENCIAL	16
5. LOGOTERAPIA	19
5.1. Logoterapia e Sentido	19
5.2. Sentido da vida e responsabilidade	21
5.3. Essência e existência	22
5.4 Otimismo trágico	23
5.5. Felicidade e vazio existencial	25
6. METODOLOGIA	27
7. PESQUISA	29
7.1 Entrevistados	29
8. ANÁLISE	31
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, as empresas tendem a tratar todos os colaboradores de modo igualitário, aplicando os mesmos fatores condicionais ou motivacionais a todos, entendendo que tais fatores são a mesma coisa, esperando que todos os colaboradores reajam de certa forma. Porém quando sob pressão, pessoas diferentes tendem a reagir de formas diferentes visto que os fatores que motivam são diversos entre elas.

De tal forma, o presente trabalho propõe-se a apresentar conceitos relacionados à teoria e percepção desenvolvidas sobre a motivação e sentido da vida pelo psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl, bem como entender como os conceitos desenvolvidos pelo autor podem servir como explicação para o sentido do trabalho, como se encaixa nos dias atuais, e possivelmente, apontar como os colaboradores, enfrentam o sofrimento em seus ambientes de trabalho.

Assim, a metodologia pela qual a pesquisa será realizada consiste em levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas, em que são criadas perguntas previamente estabelecidas visando levantar dados que serão tratados de forma qualitativa para associar os conceitos da logoterapia com as experiências e depoimentos dos entrevistados.

1.1 Situação-Problema

Devido ao mercado cada vez mais competitivo atualmente, algumas empresas lançam mão de estratégias para aumentar sua produtividade e dessa forma atingir seus objetivos e metas cada vez mais agressivos. No entanto, tais estratégias muitas vezes não levam em conta o aspecto humano, tornando hostil o ambiente de trabalho e o clima organizacional desfavorável.

Mesmo sofrendo tais impactos no ambiente ocupacional, muitas pessoas continuam trabalhando. Assim sendo, a pergunta a ser respondida por este trabalho é: como o funcionário percebe e lida com o sofrimento no trabalho tendo como base a visão da psicologia existencialista de Viktor Frankl?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender como o funcionário percebe e lida com o sofrimento no trabalho tendo como base a visão da psicologia existencialista de Viktor Frankl.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Apresentar conceitos sobre sofrimento no trabalho e logoterapia;
- Entrevistar pessoas de diferentes profissões, faixas etárias e experiências de trabalho.
- Analisar os principais fatores que causam sofrimento e estresse no ambiente de trabalho.

1.3 Justificativa

Durante a leitura do livro “Em Busca de Sentido” do psiquiatra austríaco Viktor Frankl (1991), criador da logoterapia, e em seguida “Por que fazemos o que fazemos” do professor e filósofo brasileiro Mário Sérgio Cortella (2016), surgiu interesse do autor deste projeto em desenvolver o trabalho de graduação específico para a área organizacional, para tentar entender o que motiva ou estimula as pessoas a fazerem o que fazem, por quais motivos realizam seus trabalhos e por que persistem mesmo enfrentando condições adversas.

Frankl viveu na Alemanha durante a segunda guerra mundial, e devido a origem e crença judias, foi prisioneiro em um campo de concentração, no qual viveu os horrores do regime nazista. Como cientista no campo da psiquiatria, pode observar e relatar em seu livro “Em Busca de Sentido”, quais eram as razões em seu ponto de vista que faziam os prisioneiros continuar vivendo mesmo sob condições inumanas e outros desistirem e cometerem suicídio. (FRANKL, 1991)

Dessa forma o presente trabalho, tem sua importância destacada a partir das obras já mencionadas, com interesse em expor e investigar também o que outros pensadores produziram sobre o tema na área organizacional, analisando os efeitos das pressões exercidas pelas organizações com objetivo de compreender o que torna possível o indivíduo continuar suportando o trabalho com níveis altos de estresse e sofrimento.

2. TRABALHO

A fim de compreender a relação proposta entre trabalho, sofrimento no trabalho e sentido, do ponto de vista da abordagem desenvolvida por Viktor Frankl - logoterapia - é necessário trazer à luz no primeiro momento, uma breve revisão sobre os conceitos a respeito da relação do homem com o trabalho no decorrer da história e quais os impactos identificados nesta relação.

O trabalho é a ação realizada com propósito, significado, por um ser humano. O trabalho definido apenas como simples ação não se sustenta devido à falta de finalidade desta ação, visto que não há propósito consciente, e assim até mesmo um animal poderia fazê-lo, o que não caracterizaria trabalho (CODD, 2006, p. 80, 81).

No contexto do capitalismo, onde é necessário trabalhar em troca do capital para obtenção do sustento e assim a satisfação das necessidades humanas, pode-se perceber claramente em vigor uma definição de Marx (1978), em que o trabalho é um processo de transformação da natureza pelo homem, e o homem por sua vez também é modificado pela própria ação e pela natureza (MARX, 1978).

Assim sendo, através de sua ação consciente o indivíduo pode modificar a natureza a sua volta. Observa como possível resultado de seu trabalho a satisfação das necessidades apontadas por Maslow (ROBBINS, 2005) na chamada pirâmide de hierarquia das necessidades. Dessa forma, a pessoa pode satisfazer desde as necessidades mais básicas, fisiológicas, até as de realização no topo da pirâmide.

Desse modo, o trabalho se mostra uma parte de extrema importância na vida das pessoas, se entendido da forma mais objetiva possível. Dentro do sistema capitalista, a ausência de trabalho pode levar o indivíduo a dificuldades em relação a moradia e saúde, a fome, a não realização de objetivos pessoais, vergonha e constrangimento, devido ao caráter social envolvido.

Além disso, segundo a ótica protestante do pensamento capitalista, o trabalho tem papel importante no que se refere a ética e moral de uma sociedade. Weber (1981) pensa que o trabalho é parte importante para a consolidação do capitalismo, uma vez que, sendo um profissional bem-sucedido em sua área de atuação, o indivíduo torna-se um componente relevante para a sociedade, e através do trabalho a acumulação de capital torna-se consequência. Ademais, o autor ainda aponta a realização profissional e pessoal no sistema capitalista como caminho para a salvação

espiritual (WEBER, 1981). Essa perspectiva positiva do trabalho perdura até os dias atuais.

Já Durkheim (1999), vê no trabalho, e na forma como é dividido, a solidariedade e coesão existentes na organização onde é realizado. Ao passo que as tarefas são divididas e cada indivíduo realiza uma parte do processo produtivo, as pessoas passam a depender umas das outras para que seu trabalho seja realizado da melhor forma possível. Assim, se dá o bom funcionamento e harmonia dentro de uma sociedade (DURKHEIM, 1999).

No entanto, Marx (1978) discorda das visões apresentadas por Weber e Durkheim, pois em sua percepção, o trabalho no contexto capitalista é uma forma de exploração. Os trabalhadores são explorados pelos donos dos meios de produção, trocando seu tempo e esforço como uma mercadoria, por uma ínfima parte dos resultados produzidos pela organização.

Codo (1989) ainda traz o conceito de alienação, em que “o homem vende sua força de transformação e autotransformação pelo salário, ou seja, se aliena de si mesmo” (CODO, 1989, p. 144). Assim sendo, “o trabalhador fica alheio ao fruto do seu trabalho, aos processos de produção dos bens e serviços que consome” (CODO, 1989, p. 144).

Com essas afirmações é possível entender que a alienação pode gerar uma frustração, um certo sofrimento, justamente porque o trabalhador com o passar do tempo pode não ver sentido no seu trabalho, e dessa maneira também não ver sentido em seu sofrimento. Assim, não entende seu trabalho como algo significativo.

Desse modo, ao passo que o trabalho corresponde a grande parte da vida do indivíduo, moldando praticamente tudo em sua vida - os lugares onde vai, as pessoas com quem se relaciona, o conteúdo que consome - fica evidente que, se a maior parte de sua vida o mesmo se dedica a este aspecto e se vê alienado dos frutos de seu trabalho, a falta de sentido pode causar sofrimento profundo (CODO, 1989)

No próximo capítulo serão abordados aspectos relacionados ao sofrimento no trabalho. O que pode ser configurado como sofrimento, quais os fatores que podem causar sofrimento e como as organizações e indivíduos lidam com o sofrimento.

3. SOFRIMENTO NO TRABALHO

Pode-se dizer que a própria origem da palavra “trabalho” já denota sofrimento, visto que vem da palavra latina *tripalium*, que corresponde a uma máquina usada para a tortura de escravos no antigo império romano (CORTELLA, 2016).

Porém, falando das possíveis causas reais do sofrimento laboral, a alienação pode ser um dos fatores que contribuem para o sofrimento do indivíduo em relação ao seu trabalho, uma vez que o trabalho cada vez mais fragmentado e especializado, torna os participantes do processo produtivo menos relevantes para o todo (CODD, 2006). Desse modo, não é assertivo afirmar que o trabalho em si gera sofrimento, haja vista a importância social do trabalho e à característica literal do trabalho, já mencionada anteriormente (CODD, 2006, p. 80, 81).

Além disso, o sofrimento pode ser categorizado a princípio em duas faces fundamentais: a ansiedade e a insatisfação. Em seus estudos, voltados para o âmbito operacional, Dejours (1992) conseguiu observar que o fator de despersonalização do trabalhador perante o seu trabalho, diante de uma máquina, de uma atividade extremamente automatizada, robotizada, pode trazer a ele o sentimento de indignidade (DEJOURS, 1992, p. 49).

Indignidade, que seria vergonha, por sentir-se muitas vezes sujo, por realizar um trabalho que socialmente não representa algo, faz o trabalhador compreender a falta de significação do trabalho, para a empresa, e principalmente para si mesmo (DEJOURS, 1992, p. 49).

Além disso, a imagem de si mesmo perante tal sofrimento - este relacionado a indignidade trazida pelo trabalho - lembra o trabalhador a questão da desqualificação, de que não é bom o suficiente para estar realizando alguma outra tarefa mais complexa, ou que exija mais responsabilidade, tarefas essas que são de certa forma mais valorizadas e respeitadas pela sociedade (DEJOURS, 1992, p. 49).

Ainda Dejours (1992, p. 49) diz o seguinte sobre este tipo de trabalho despersonalizado:

Executar uma tarefa sem investimento material ou afetivo exige a produção de esforço e de vontade, em outras circunstâncias suportada pelo jogo da motivação e do desejo. A vivência depressiva alimenta-se da sensação de adormecimento intelectual, de anquilose mental, de paralisia da: imaginação e marca o triunfo do condicionamento ao comportamento produtivo.

Nessa passagem o autor dá a entender que quando o indivíduo passa por uma situação como essa, onde precisa de um trabalho que o sustente, porém que o despersonaliza como ser humano perante si e a sociedade, e que aparentemente não existe significado, seus níveis de esforço e motivação tem de ser superiores que os usuais, gerando possivelmente um nível de sofrimento maior para suportar tais condições.

A relação do homem com o conteúdo significativo do trabalho é composta por dois componentes: o sujeito, denominado por Dejours (1992) como narcisismo, e objeto. Os dois componentes trazem para a relação, cargas de significação, ou seja, toda a organização do trabalho, os símbolos envolvidos na organização, a vida interior do sujeito e suas experiências fazem parte do processo em que, representará uma relação única para cada indivíduo (DEJOURS, 1992, p. 49, 50).

A partir desse entendimento, é possível colocar que quando o trabalho não apresenta significado condizente com as potencialidades e necessidades da personalidade do indivíduo envolvido, uma grande quantidade de energia terá de ser despendida na adaptação (DEJOURS, 1992, p. 52).

Dessa forma, dada a situação em que a organização se mostra imutável, e assim, não atende nem atenderá as expectativas do trabalhador em relação às tarefas, começa o sofrimento, uma vez que os esforços de adaptação e a energia intelectual já se esgotaram, ou seja, “quando foram esgotados os meios de defesa contra a exigência física” (DEJOURS, 1992, p. 52). “A certeza de que o nível atingido de insatisfação não pode mais diminuir marca o começo do sofrimento” (DEJOURS, 1992, p. 52).

Dejours (LUNARDI FILHO, 1995) critica o trabalho taylorizado, que em seu ponto de vista, o trabalhador recebe tarefas e desempenha uma função pré-estabelecida, ou seja, uma expressão da vontade de outro. O fato de apenas ter que executar o trabalho, pois já está determinado, força o trabalhador a agir segundo a vontade de outrem (LUNARDI FILHO, 1995).

Ao desapropriar o indivíduo de sua competência tal ação gera um nível de violência psíquica, onde a organização do trabalho provoca no indivíduo sentimento de desprazer, fadiga e tensão, e desse modo, o sofrimento é instalado (LUNARDI FILHO, 1995).

A principal ideia levantada por Dejours (LUNARDI FILHO, 1995) é que existe um certo equilíbrio entre a relação homem-organização do trabalho, sofrimento e prazer. O que determina se o saldo da relação será de sofrimento ou de prazer para o trabalhador, é se a organização do trabalho se apresenta muito rígida, imutável ou se existe espaço para a criatividade individual.

Assim sendo, apesar das possíveis turbulências e problemas psíquicos gerados pelo trabalho, ele é imprescindível ao ser humano, devido ao seu fator de inclusão na sociedade e o papel que exerce principalmente na sobrevivência dos indivíduos (LUNARDI FILHO, 1995).

Enfim, todo o estudo para compreensão da significação do trabalho, fazendo separações e classificações ao que diz respeito aos elementos envolvidos, se mostra de grande complexidade devido ao caráter essencialmente subjetivo do assunto, e “se uma parte desta relação é consciente, esta parte não é mais do que a ponta do iceberg” (DEJOURS, 1992, p. 50).

No próximo capítulo serão abordados os conceitos que embasam a psicologia existencial, parte de grande importância na linha de pesquisa apresentada por Frankl.

4. PSICOLOGIA EXISTENCIAL

Antes de abordar sobre a logoterapia - linha de pesquisa desenvolvida por Frankl - é fundamental a compreensão do existencialismo e assim da psicologia existencial. Esta linha filosófica teve início com o pensador, teólogo e filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard no século XIX. Seu objetivo era entender os impactos causados na era pós-industrial, que causavam a desumanização das pessoas que faziam parte do contexto. (FEIST e FEIST, 2005, p. 343)

Kierkegaard uniu duas formas de entender o ser humano: como objeto de estudo e como ser com percepções subjetivas, ou seja, individuais. Rejeitava as narrativas que indicavam como única apenas uma das duas ideias. Desse modo, sua intenção era superar a dicotomia que existia, e ainda existe, sobre razão e emoção (FEIST e FEIST, 2005, p. 343).

Dessa forma, pode-se afirmar que observando o ser humano como objeto, torna-se possível fazer generalizações sobre a humanidade, ou seja, apontar características que todos os seres humanos possuem. Compreendendo o indivíduo como ser com percepções subjetivas, pressupõe-se que cada homem ou mulher pode ter interpretações distintas, dadas as circunstâncias, experiências e até mesmo o momento de suas vidas em que experienciaram tais eventos.

O equilíbrio entre liberdade e responsabilidade é fator essencial no pensamento existencialista de Kierkegaard. Através da expansão da autoconsciência as pessoas adquirem liberdade e dessa maneira, assumem responsabilidade por suas ações (FEIST, 2005, p. 343).

Isso dito, o existencialismo pode ser entendido como a aquisição da responsabilidade pela própria vida, e dessa forma, por todas as decisões que a pessoa precisa tomar ao longo de sua jornada. Assim, a partir do momento que é concebido, o indivíduo é responsável por tudo o que diz respeito às coisas que tem controle em sua vida.

Além disso, é necessário abordar o conceito de existencialismo trazendo suas principais características. Existência e essência são pontos-chave na fundamentação das bases. Para o existencialismo, o conceito de existência está relacionado à ideia de "tornar-se", denotando um processo. Por sua vez, a essência significa algo imutável, estático. Mudança e crescimento são atribuídos a existência; estagnação e finalidade pertencem a essência (FEIST e FEIST, 2005, p. 343, 344).

De modo geral, a abordagem da ciência ocidental sobre as ideias em questão, tende a valorizar a essência em detrimento da existência, tentando compreender qual é a composição essencial de cada coisa e ser. Porém o existencialismo enxerga de forma diferente esta questão. A essência de cada pessoa está na capacidade de redefinir-se continuamente, através das escolhas que realiza. (FEIST e FEIST, 2005, p. 344)

Do ponto de vista de Sartre (1973, p. 11) a existência precede a essência. Em sua concepção, o ser humano primeiro existe e depois tenta encontrar sua finalidade, sua essência, a razão pela qual existe. A partir desse entendimento o autor explica usa o exemplo da criação de objeto como um corta-papel, que primeiro precisa ser pensado por um artífice ou artesão, que através de inspiração, influências e conceitos já estabelecidos, projeta e cria o objeto com sua finalidade já estabelecida antes mesmo de sua existência. No caso do objeto em questão, sua essência precede sua existência, o motivo de existir vem antes de existir (SARTRE, 1973, p. 11). No entanto, quando se trata do ser humano a ordem dos fatores é inversa como já mencionado.

A busca pelo sentido da vida é um dos pontos principais do conceito de existencialismo. Além disso, uma vez responsável pelo próprio destino - pelo que é, quem se tornou - não é possível dentro do pensamento existencialista culpar fatores externos como os pais, professores, circunstâncias ou Deus (FEIST e FEIST, 2005, p. 344).

Validando essa afirmação, Sartre (1973, p. 12) entende que:

O homem é, não apenas o que ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo¹.

Através dessa passagem o autor tenta deixar claro que o indivíduo se faz por si só, que depois de seu nascimento se torna responsável por suas atitudes, e faz a si mesmo enquanto ser consciente.

Como complemento, Feist e Feist (2005, p. 344) trazem a seguinte reflexão:

Embora possamos nos associar com outros em relacionamentos ricos e saudáveis, no fim, cada um de nós está sozinho. Nós podemos escolher nos tornar o que podemos ser ou podemos escolher evitar o comprometimento e a escolha, mas no final das contas, é nossa escolha.

¹ Trecho da tradução americana em língua inglesa: "Man is nothing else, but what he makes of himself. Such is the first principle of existencialism" (FEIST e FEIST, 2005, p. 344).

Ainda Sartre (1973, p. 13, 14), fala sobre a angústia segundo a percepção existencialista. O homem é angústia. Isso quer dizer que quando o indivíduo assume compromisso e entende que além de escolher também é legislador, passa a compreender a pressão envolvida ao passo que está decidindo sua vida perante toda a humanidade, tamanha a responsabilidade (SARTRE, 1973, p. 13, 14).

Sartre (1973, p. 14) expressa o seguinte pensamento:

Tudo se passa como se, para todo homem, toda a humanidade tivesse os olhos postos no que ele faz e se regulasse pelo que ele faz. E cada homem deve dizer a si próprio: terei eu seguramente o direito de agir de tal modo que a humanidade se regule pelos meus atos? E se o homem não diz isso, é porque ele disfarça sua angústia.

O que o autor possivelmente está tentando dizer através de tais reflexões, é que a humanidade, cada um de seus indivíduos vive em angústia, a angústia da dúvida, por não saber com plena certeza quais são as escolhas certas a serem feitas, justamente por não existirem escolhas certas, devido ao fato de que cada ser humano ser uno e viver em condições e circunstâncias diferentes.

Os autores e pensadores existencialistas são contra-teóricos, pois segundo eles, a teorização desumaniza o ser e o rebaixa a mero objeto. Qualquer tipo de teoria pré-estabelecida, faz com que o ser humano perca sua autenticidade. Desse modo, a experiência do indivíduo é mais valorizada que o estabelecimento de explicações. (FEIST e FEIST, 2005, p. 344)

Outro conceito presente no existencialismo é o de ser-no-mundo (*being-in-the-world*). É um conceito base que pressupõe que a melhor maneira de entender o mundo onde vivemos é por nossa própria experiência. Quando homem tenta se sobrepor ou dominar a natureza, não percebe a unicidade existente entre os dois componentes. (FEIST e FEIST, 2005, p. 344)

Ser-no-mundo traz a ideia de que o ser humano é parte da natureza onde está inserido, parte do universo. É possível concluir que em muitas situações, o universo se mostra hostil ao ser humano, porém sendo ser consciente, representa a maneira do próprio universo se conhecer.

5. LOGOTERAPIA

A logoterapia é uma psicoterapia que tem como objetivo ajudar o paciente a encontrar sentido ou propósito na vida, e significa “terapia através do sentido” (FRANKL, 1967).

Frankl (1991, p. 59) explica:

A logoterapia se concentra mais no futuro, ou seja, nos sentidos a serem realizados pelo paciente em seu futuro. (A logoterapia é, de fato, uma psicoterapia centrada no sentido.) Ao mesmo tempo a logoterapia tira do foco de atenção todas aquelas formações tipo círculo vicioso e mecanismos retroalimentadores que desempenham papel tão importante na criação de neuroses.

O próprio termo logoterapia designado por seu criador Viktor Emil Frankl (1991, p. 59), tem origem na palavra grega “*logos*” que significa sentido. Dessa forma, tenta confrontar o paciente com o sentido da vida, orientá-lo e fazê-lo superar a neurose. Tem como base as ações que podem ser realizadas no futuro pelo paciente (indivíduo).

5.1. Logoterapia e Sentido

Frankl (1991, p. 59) diz o seguinte sobre as bases da logoterapia:

A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano.

Assim sendo, nesta passagem fica claro que a busca pelo sentido e o sentido da existência são fatores fundamentais para o desenvolvimento da ideia criada por Frankl. Além disso, sendo uma vertente do existencialismo, a logoterapia também considera o sentido da existência como único e exclusivo. Dessa forma, somente a pessoa em questão pode cumprir, e satisfazer sua vontade de sentido, que por sua vez é descrita como motivação primária da vida. (FRANKL, 1991, p. 60)

Entre as diferenças existentes entre a psicanálise de Freud, denominada a Primeira Escola Vienense de Psicoterapia, e a logoterapia de Frankl, está o fato primário de que a psicanálise concebe o ser humano como ser de impulsos e interpreta através dos conceitos criados por Freud, o automatismo de um aparelho psíquico (FRANKL, 2019, p. 16).

O poeta austríaco Arthur Schnitzler (FRANKL, 2019) declarou certa vez existirem apenas três virtudes: a objetividade, a coragem e o senso de responsabilidade. Utilizando-se do ditado Frankl (2019) classifica as três escolas

vienenses de psicoterapia conforme o que percebe ser apropriado, fazendo uma relação entre elas. Assim, atribui objetividade à psicanálise de Freud, coragem à psicologia adleriana de Adler, e o senso de responsabilidade à logoterapia criada pelo próprio Frankl (FRANKL, 2019, p. 16).

Como o senso de responsabilidade se mostra parte central da teoria apresentada na logoterapia, sua importância é descrita da seguinte forma:

Tentamos então mostrar o caráter de dever, ou missão, da vida e, simultâneo a ele, o caráter de resposta da existência. Explicamos que não é o ser humano quem faz a pergunta sobre o sentido da vida, mas, ao contrário, o próprio ser humano, é quem deve responder, que deve dar respostas às eventuais perguntas que sua vida possa lhe colocar. (FRANKL, 2019, p. 16, 17)

O autor usa tal explicação para expressar o quão responsável cada ser humano é por sua vida, existência, e não de forma ingênua ou até ignorante, visto que as grandes questões pelas quais a humanidade sempre se deu ao trabalho de pensar são justamente relacionadas à existência, qual o sentido dela, entre outras questões filosóficas levantadas ao longo dos séculos.

Weber (2000, p. 221–222), entende o sentido da vida da seguinte maneira:

Nós humanos somos buscadores de propósito, mais definidos por nossa habilidade de buscar propósito de diversas maneiras do que por quase qualquer outro traço humano... Ser proposital é nosso estado natural, evidenciado pelas circunstâncias incomuns de ser sem propósito... O propósito age como motor, combustível, e direção para o veículo humano

A busca pelo sentido é de caráter primário, visto que serve como “motivação” para a vida do indivíduo. A questão é colocada por muitos autores como sendo uma racionalização secundária de impulsos instintivos. Porém, é notável como as pessoas entram em guerras lutando por seus valores e ideais, defendendo suas pátrias, o que não parecem ser apenas simples mecanismos de defesa. (FRANKL, 1991, p. 60)

Frankl (1991, p. 64) afirma de forma contundente o seguinte sobre o sentido da vida:

...não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em um dado momento. Formular esta questão em termos gerais seria comparável a perguntar a um campeão de xadrez: “Diga-me, mestre, qual o melhor lance do mundo?” Simplesmente não existe algo como o melhor lance ou um bom lance à parte de uma situação específica num jogo e da personalidade peculiar do adversário.

O sentido da vida, não pode ser caracterizado como fórmula, ou seja, o mesmo ideal para todos os seres humanos. Como já mencionado, o fator exclusivo e

específico é de extrema importância para a estrutura do conceito, visto que uma vez determinado, ou “encontrado” o sentido, somente o indivíduo pode satisfazê-lo (FRANKL, 1991, p. 60).

5.2. Sentido da vida e responsabilidade

Sobre o sentido da vida, Adams (2010, p. 99-102), em uma das passagens de sua obra “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, uma baleia cachalote confusa em queda livre se pergunta porque está caindo, qual é seu nome, para onde está indo, e dessa forma acaba se esquecendo de apenas “aproveitar a viagem”, aparentemente sem sentido algum, visto que sabe que vai chegar ao chão em algum momento e que possivelmente irá morrer.

Através desta passagem extremamente inusitada e em primeiro momento totalmente desprovida de significado, é possível afirmar que na verdade, seja uma analogia criada para comparar o ser humano se perguntando por sua razão de existir, à baleia em queda livre. Assim sendo, pode-se dizer que do ponto de vista do autor, o ato de existir implica em encontrar perguntas e na maioria das vezes não obter suas respostas.

Ainda Frankl (FRANKL, 2019, p. 16, 17), descreve de que forma o indivíduo pode assumir a responsabilidade por sua existência:

...essas respostas serão sempre dadas “através de atos”: somente pela ação poderão ser verdadeiramente respondidas as “perguntas vitais”. Essas respostas são dadas pela responsabilidade assumida pela nossa existência, em cada situação. Na verdade, a existência só poderá ser “nossa” se for responsável.

O autor salienta neste trecho que a responsabilidade pela existência é assumida de acordo com as atitudes do indivíduo, a partir do momento em que age de forma responsável em relação aos acontecimentos, às condições, às pessoas e de modo geral em relação ao mundo.

Assim sendo, além das ações, outra forma de ser responsável perante a existência é o estar “aqui e agora”, caracterizado pela importância de cada momento, ou seja, estar presente no momento consolidando “a concretude de determinada pessoa numa determinada situação” (FRANKL, 2019, p. 17). Dessa forma, a responsabilidade pela existência, segundo o autor, leva sempre em consideração a pessoa em questão e a situação em que está inserida (FRANKL, 2019, p. 17).

Desse modo, para que o indivíduo tenha consciência de sua responsabilidade é necessário compreender a relevância do consciente em detrimento do inconsciente, entender o indivíduo não apenas como ser impulsionado, mas primariamente como ser “espiritual”. A análise existencial busca conscientizar o paciente de sua neurose, ou seja, do problema que está enfrentando (FRANKL, 2019, p. 17, 18).

Ainda Frankl (2019, p. 21) explica como o ser humano pode ser “ele próprio” do ponto de vista da logoterapia:

O ser humano pode assim ser “verdadeiramente ele próprio” também nos seus aspectos inconscientes. Por outro lado, ele é “verdadeiramente ele próprio” somente quando não é impulsionado, mas responsável. O ser humano propriamente dito começa onde deixa de ser impelido e cessa quando cessa de ser responsável. O ser humano propriamente dito manifesta-se onde não houver um id a impulsioná-lo, mas onde houver um eu que decide.

Dessa forma, ao dizer que o indivíduo somente é ser humano quando decide, quando é responsável, o autor entende que os impulsos - que muitas vezes são apontados como sendo características humanas - não torna o indivíduo humano, e sim quando escolhe, quando exerce sua capacidade única em relação aos outros animais, de ser livre para decidir.

5.3. Essência e existência

Essência e existência são abordadas de forma diferente. O autor entende que a essência para a existência humana, é a responsabilidade. Frankl (1991, p. 64) expressa a seguinte reflexão:

Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir cumprimento. Uma vez que cada situação na vida representa um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema para resolver, pode-se, a rigor, inventar a questão pelo sentido da vida. Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. Assim sendo, a logoterapia vê na responsabilidade (*responsibleness*) a essência propriamente dita da existência humana.

Uma possível interpretação para tal pensamento é que a essência da existência pode ser interpretada como a razão, sentido da vida. Dessa forma, um dos aspectos necessários para encontrar tal sentido é a própria responsabilidade atribuída a cada ser humano em sua busca.

Também, é necessário abordar o fator transitório da vida. Como os humanos são seres cuja existência é passageira do ponto de vista físico e biológico, o grau de

responsabilidade atribuído é grande sobre cada indivíduo. Isso significa que cada escolha, cada sucesso ou fracasso é importante no decorrer de sua história. A conscientização de que as possibilidades apresentadas são transitórias é a chave para compreender que a transitoriedade em si não tira o sentido (FRANKL, 1991, p. 69).

Desse modo, pode-se entender que apesar do ser humano ser finito e que todas as suas ações terem começo, meio e fim, o sentido de sua existência está no agora, ou seja, na própria ação.

5.4 Otimismo trágico

Outro ponto importante abordado pela logoterapia é o otimismo trágico. Consiste em mesmo sob situações onde o sofrimento é terrível, enfrentando um dos aspectos da tríade trágica, dor, culpa e morte, a pessoa consegue manter uma intenção positiva, otimista perante a vida. “Dizer sim à vida apesar de tudo”. Pressupõe que a vida tem um sentido em quaisquer circunstâncias, mesmo nas mais miseráveis (FRANKL, 1991, p. 83).

Com esse conceito é possível concluir que o que realmente importa é sempre tirar o melhor da situação. Apesar de todo sofrimento que um ser humano possa enfrentar, é possível sim encontrar um sentido intrínseco a ele. A chave do conceito está na forma como o indivíduo, o paciente, interpreta a situação, transformando o sofrimento em uma conquista (FRANKL, 1991, p. 65, 66).

Frankl (1991, p. 66) traz um relato sucinto sobre um paciente, um médico que havia perdido sua parceira e se encontrava em depressão profunda, no qual expressa bem essa ideia:

Abstive-me de lhe dizer qualquer coisa e, ao invés, confrontei-o com a pergunta: “Que teria acontecido, doutor, se o senhor tivesse falecido primeiro e sua esposa tivesse que lhe sobreviver?” - “Ah,” disse ele, “isso teria sido terrível para ela; ela teria sofrido muito!” Ao que retruquei: “Veja bem, doutor, ela foi poupada deste sofrimento e foi o senhor que a poupou dele; mas agora o senhor precisa pagar por isso sobrevivendo a ela e chorando a sua morte.” Ele não disse uma palavra, apertou a minha mão e calmamente deixou meu consultório. Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício.

Apesar disso, o sofrimento em si não é de modo algum fator necessário a fim de encontrar sentido, mas é possível encontrá-lo mesmo sofrendo. Se ao invés de se martirizar pelo seu sofrimento inevitável, e infelicidade inerente à vida, a sociedade

entendesse tais pontos como são, muitas vezes, motivo de orgulho, poderiam sempre ver o sentido de seu sofrimento. (FRANKL, 1991, p. 66)

Ainda, o otimismo trágico, diz respeito a ter uma atitude positiva em situações de tragédia, e as principais atitudes que podem ser extraídas são:

1. transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana;
2. retirar da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor;
3. fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis.

(FRANKL, 1991, p. 79)

Quando o sofrimento é transformado em uma conquista, uma realização, automaticamente se torna motivo de orgulho e algo significativo, algo com propósito. A culpa pode ser considerada um dos piores sentimentos que um ser humano pode enfrentar, porém a melhor saída nessa situação é simplesmente entender que pode existir uma lição e que pode ser transformada em aprendizado. E por fim, a transitoriedade da vida impele o ser humano a ser responsável pelos seus atos, visto que cada um deles é único e deve ser valorizado.

Apesar dos conceitos sobre o sentido do sofrimento apresentados pelo autor serem de grande valia para o entendimento do ser humano e como forma de motivação para o mesmo, é de se questionar se realmente tudo o que o indivíduo realiza, e todo tipo de sofrimento ao qual está exposto tem sentido inerente, uma vez que em muitas situações pessoas morrem de formas atrozes simplesmente devido a crueldade do indivíduo que às cometeu, o próprio holocausto é um exemplo.

Ainda do ponto de vista social, pessoas estão expostas à situações não só adversas mas como também precárias, de intenso sofrimento e angústia, e então dizer que elas têm a responsabilidade por encontrar formas de sair dessa situação, ou que a culpa por continuar nestas é delas, é no mínimo questionável e desumano, visto que muitos fatores como política, país de origem, criação, formação entre outros estão envolvidos.

Entretanto, Frankl (1991) deixa claro em sua obra que não tem a pretensão de criar regras e impor às pessoas o otimismo e nem que isso pode ser forçado apesar das circunstâncias da realidade (FRANKL, 1991, p. 79).

5.5. Felicidade e vazio existencial

Outro erro apontado pelo autor é a busca pela felicidade. A felicidade do ponto de vista de Frankl (1991) é atingida através de algo, ou seja, é necessário fazer, executar alguma tarefa para se sentir feliz. A felicidade em si não se pode buscar, e sim é consequência ou subproduto de uma vida satisfatória. Dessa forma, o ser humano deve então buscar por uma razão para ser feliz e não pela felicidade (FRANKL, 1991, p. 79).

Na busca da razão para a felicidade, o autor cita a relação existente entre consciência e amor. Considerando o ser humano uma entidade provida de consciência e que dessa forma pode usá-la como ser-responsável, para escolher e deliberar sobre tudo, é possível afirmar que a consciência, e o que vem à consciência, é uma pequena parte do que está submerso no inconsciente e então a origem da consciência pode estar no inconsciente (FRANKL, 2019, p. 29).

Tratando-se da relação entre consciência e amor, o autor explica que o amor é fator essencial para o indivíduo visto que revela o indivíduo em sua singularidade, e que o ato de amar, em si, é ato em que o ser humano escolhe, decide. Dessa forma, só é amor quando não imposto pelo instinto (FRANKL, 2019, p. 33).

A respeito, o Frankl (2019, p. 33) completa:

Será que o amor tem algo a ver com decisão? Certamente, pois também no amor, e especialmente nele, o ser humano é um “ser que decide”. Na realidade, a escolha de um parceiro, a “escolha amorosa” só constitui uma verdadeira escolha quando não é imposta pelo instintivo.

O autor explica que o amor é fator essencial para o indivíduo visto que revela o indivíduo em sua singularidade, e que o ato de amar, em si, é ato em que o ser humano escolhe, decide. Dessa forma, só é amor quando não imposto pelo instinto (FRANKL, 2019, p. 13).

Assim como a felicidade não pode ser buscada, o sentido não pode ser criado, mas sim encontrado. Uma das maneiras de se encontrar sentido é por meio de valores criativos (FRANKL, 1967). Sendo assim, a criatividade pode ser considerada como papel fundamental, ou mesmo, recurso central para estabelecer sentido na vida do indivíduo. Isto deve-se ao fato de que muitas das coisas que definem a humanidade são resultado da criatividade, o que torna as vidas das pessoas mais completas, com objetivos criativos. É possível até mesmo afirmar que valores criativos contribuem de forma criativa, permitindo que o indivíduo se expresse no seu trabalho (CSIKSZENTMIHALYI, 1996).

Seguindo este raciocínio, Burger, Crous & Roodt (2013), afirmam o seguinte:

O fracasso para encontrar sentido, e frustração existencial, resulta no que Frankl (1984) chama de vazio existencial. Este fenômeno é caracterizado por indivíduos tentando compensar sua falta de propósito na vida por uma busca por prazer sexual e poder, por exemplo, através de *workaholism* uma obsessiva busca por dinheiro e uma compulsão sexual.

Ainda, o conceito pode ser entendido de modo que a orientação do indivíduo está focada em “ter”, o que torna sua busca por ser dono de coisas como propriedade, pessoas, *status*, o oposto de uma orientação voltada para o “ser”, o que mostra estar focada no significado da vida (BURGER, CROUS & ROODT, 2013).

Pode-se apontar também algumas das possíveis causas para o vazio existencial contemporâneo, como a deterioração dos valores tradicionais, como a família, a igreja, a escola e o estado, e à grande variedade de valores culturais presentes nas sociedades contemporâneas (BURGER, CROUS & ROODT, 2013). O que possivelmente torna o que era aparentemente certo e definitivo, em questões sem resposta, e mesmo, diante de uma infinidade de orientações e perspectivas, o indivíduo se vê sem saber o que fazer, qual caminho seguir.

6. METODOLOGIA

A metodologia pela qual a pesquisa foi realizada consiste em modo de pesquisa exploratória, onde se tem a intenção de aprofundar-se em determinado tema, no caso do presente trabalho o como o trabalhador encontra sentido em seu sofrimento. Prodanov e Freitas (2013, p. 53) afirmam o seguinte sobre a pesquisa exploratória: “assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. É um levantamento bibliográfico sobre o assunto”.

Na primeira etapa do trabalho foram utilizados livros e artigos priorizando os de fontes altamente confiáveis, autoridades especializadas no tema, ligadas ao contexto organizacional, ao trabalho, à psicologia existencial e à logoterapia, com a finalidade de construir a fundamentação teórica que sustenta os argumentos para o desenvolvimento da pesquisa.

Conforme afirma Schlittler (2008, p. 38):

A base teórica é o referencial teórico que o graduando deverá adotar como ponto de partida para a realização de sua pesquisa, isto é, aquilo que poderá auxiliá-lo no desenvolvimento do seu trabalho.

Os dados encontrados na mesma, foram tratados de forma qualitativa, ou seja, serão apontados conceitos que expliquem os fenômenos estudados. De acordo com Flick (2013, p. 26):

Os métodos quantitativos e qualitativos têm sido adaptados para esse tipo de pesquisa. Entrevistas por e-mail ou através de outros meios virtuais, pesquisas de levantamento on-line e etnografia virtual são agora parte do kit de ferramentas metodológicas dos pesquisadores sociais. [...] As novas formas de comunicação no contexto da Internet 2.0, em particular, proporcionam novas opções para a comunicação em e sobre a pesquisa social.

O levantamento bibliográfico foi feito por meio artigos e material para o desenvolvimento do trabalho, os sites *Google Acadêmico*, *RAE* e *Scielo* foram consultadas e assim utilizadas as principais palavras de busca: motivação, motivação nas organizações, fatores motivacionais, Viktor Frankl, trabalho, qualidade de vida no trabalho, sofrimento no trabalho, existencialismo, psicologia existencial, logoterapia. As fontes de pesquisa utilizadas na realização deste projeto são secundárias, através de leitura de artigos, livros sobre motivação nas organizações, e aplicação de questionário.

Conforme Flick (2013, p.43) “um livro didático que resume as várias teorias em um campo ou apresenta uma visão geral da pesquisa em outro é uma fonte secundária”. Assim foram utilizados livros e artigos científicos com os temas:

sofrimento no trabalho, trabalho, sentido do sofrimento, sentido da vida, existencialismo, logoterapia.

Na segunda etapa da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas em que é criado um roteiro com perguntas pré-estabelecidas e durante a entrevista, outras perguntas surgem de acordo com o propósito da pesquisa, explorando a experiência do entrevistado e tornando a conversa mais livre (MANZINI, 1990/1991, p. 154). Os entrevistados foram profissionais ligados à diversas áreas de trabalho, que enfrentam ou já enfrentaram algum nível de sofrimento no ambiente de trabalho.

Antes da entrevista foi solicitada uma breve apresentação do entrevistado na qual fornece informações básicas como idade, se tem filhos, quantos filhos, onde trabalha, que tipo de empresa e carga horária diária. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. Os nomes dos entrevistados não serão mencionados.

As perguntas que direcionaram as entrevistas foram:

- Explique qual sua função na empresa onde trabalha.
- Qual o significado do trabalho para você? (Por que trabalha?)
- Você tem prazer no trabalho? (O que dá prazer no trabalho?)
- Como deveria ser o trabalho ideal? O quão distante ele está do ideal?
- Você tem sofrimento (sacrifício) no trabalho? O que causa sofrimento no trabalho?
- O quão distante ele está do ideal?
- Como você lida com essa realidade, com esse sofrimento?

Para a estruturação da entrevista foi utilizada a síntese de dissertação de mestrado em administração “Prazer e Sofrimento no Trabalho: Contribuições à Organização do Processo de Trabalho da Enfermagem” de Wilson Danilo Lunardi Filho (LUNARDI FILHO, 1995), devido ao seu conteúdo muito bem desenvolvido com perguntas apropriadas para os objetivos deste trabalho.

7. PESQUISA

Foram realizadas entrevistas com sete profissionais de perfis diferentes e que atuam em áreas distintas como coordenação de cursos universitários, professores, pessoas ligadas à área financeira, vendas, bibliotecário, funcionários de grandes empresas e de multinacionais, com faixas etárias diferentes, que enfrentam ou enfrentaram algum tipo de sofrimento no local de trabalho e foram encontrados através de indicações de pessoas próximas no ambiente acadêmico.

As entrevistas foram realizadas em um período de 20 dias, duraram em média 30 minutos, e o ambiente onde foram realizadas era em sala sem interferência externa, onde participaram da conversa somente o pesquisador/autor deste trabalho e o entrevistado.

7.1 Entrevistados

Entrevistado I. 45 anos de idade, casado há 15 anos, tem uma filha de 15 anos, formação em administração, pós-graduação em *marketing*, mestrado em administração. Trabalhou durante 20 anos como bancário entre as funções de escriturário e gerente, atualmente exerce as funções de coordenador de curso universitário e professor há 10 anos. Enfrentou a rotina estressante do setor bancário e devido à infelicidade neste trabalho, mudou o rumo de sua carreira para a área acadêmica

Entrevistado II. 40 anos de idade, casado há um ano, tem um filho de quatro meses e atualmente é estudante de administração. Trabalha como gerente regional em uma instituição financeira e tem um negócio em sociedade no shopping. Trabalhou em duas outras instituições financeiras de grande porte e na gestão de produção de eventos.

Entrevistado III. 62 anos, engenheiro eletricitista, casado, pós-graduado em administração de marketing, trabalhou por 27 anos em uma estatal de telecomunicações entre as funções de engenheiro de desenvolvimento e consultor. Trabalhou como gerente na área comercial e hoje atua como coordenador e professor universitário.

Entrevistado IV. 64 anos, casado há 33 anos, tem dois filhos de 29 anos, tem formação em engenharia mecânica e matemática, mestre em engenharia de produção. Trabalhou nas indústrias automotiva, química, alimentícia, por 10 como supervisor e gerente e nove anos como consultor. Atualmente é coordenador e

professor de cursos universitários de administração e gestão empresarial. Durante a carreira enfrentou altíssimos níveis de estresse e segundo o próprio, foi a óbito por 30 minutos devido a jornada insana de trabalho na indústria e como docente.

Entrevistada V. 53 anos de idade, duas filhas adultas, tem formação em administração, pós-graduação em ensino à distância, e formação em psicanálise. foi empreendedora em um negócio familiar onde cuidava de toda a parte gerencial e financeira. Atualmente atua como coordenadora de cursos universitários à distância e como psicanalista. Em seu negócio próprio, enfrentava altos níveis de estresse, por ser responsável por todas as atividades.

Entrevistado VI. 23 anos, estudante de administração, atua como *trainee* em uma multinacional do ramo automotivo onde conseguiu uma oportunidade de trabalho/intercâmbio na Alemanha.

Entrevistado VII. 25 anos, estudante de gestão empresarial, atualmente trabalha como estagiário na biblioteca de universidade pública. Relatou episódios em que foi humilhado pela supervisora, e o convívio no local de trabalho é problemático em relação à essa mesma.

8. ANÁLISE

Neste capítulo, serão analisadas as entrevistas realizadas com os sete voluntários, levando-se em consideração os principais objetivos deste trabalho. Não serão transcritas aqui todas as respostas dos entrevistados, mas sim as que se mostraram mais pertinentes em relação à questão respondida. Também, algumas respostas mostraram-se semelhantes, dessa forma, as que foram melhor elaboradas foram escolhidas.

Qual o significado do trabalho para você? (Por que trabalha?)

Entrevistado I:

“Pra mim é realização profissional. Estar aqui onde eu estou foi um sonho, foi uma dedicação, eu busquei estar aqui, não foi acontecendo que foi direcionando minha carreira pra cá não, eu trabalhei e estudei muitos anos pra estar aqui hoje”.

Entrevistado II:

“Eu tenho comigo que o trabalho dignifica o homem. Desde meus 13, 14 anos quando eu aprendi o que era venda né é... trabalhei com alguns vizinhos batendo de casa em casa foi onde eu aprendi a trabalhar, onde eu aprendi a vender né, e assim fui crescendo, fui me desenvolvendo em vendas e em técnicas(...) acho que o trabalho dignifica o homem, faz o homem ter sucesso tanto pessoalmente, espiritualmente, financeiramente, então acho que o trabalho pra mim... eu não viveria sem ele”.

Entrevistado IV:

“Então, eu acho o seguinte, quando o trabalho, quando o trabalho tem a motivação né, de eu buscar o suficiente pra eu comer, beber, dormir bem né... ter o meu conforto, pra mim na minha visão prosperidade é o que todo mundo busca mas confundem prosperidade, porque pra mim prosperidade é nada me faltar e o pessoal busca, entende como sobrar, não, eu entendo como nada me faltar, então tem uma linhazinha aí né, bem fina mas tem, é tênue, então quando eu trabalho com esse pensamento acredito que traz motivação (...) Eu acho que o trabalho ele é motivador quando ele tem um sentido”.

Através destas declarações é possível afirmar, relacionando aos conceitos criados por Viktor Frankl, que por meio de alguma ação, neste caso o trabalho, as pessoas podem encontrar um sentido para suas vidas e assim tomar a responsabilidade por elas. O autor explica que a responsabilidade pela existência é

assumida de acordo com as atitudes do indivíduo, a partir do momento em que age de forma responsável em relação aos acontecimentos, às condições, às pessoas e de modo geral em relação ao mundo (FRANKL, 2019, p. 16, 17).

Além disso, outra interpretação é que os indivíduos encontram a felicidade fazendo algo - no caso, através de seus trabalhos - e não buscando a felicidade em si. A felicidade do ponto de vista de Frankl é atingida através de algo, ou seja, é necessário fazer, executar alguma tarefa para se sentir feliz. A felicidade em si não se pode buscar, e sim é consequência de uma vida satisfatória. Dessa forma, o ser humano deve então buscar por uma razão para ser feliz e não pela felicidade (FRANKL, 1991, p. 79).

Porém, tais respostas foram apresentadas por gestores, portanto pessoas já com uma posição hierárquica mais elevada dentro da organização em que trabalham, que possivelmente já alcançaram alguns de seus objetivos, que enfrentaram níveis altos de sofrimento, mas que hoje já não passam por situações tão estressantes. Ou talvez, enfrentem níveis altos de sofrimento, mas tem algum tipo de válvula de escape para poder lidar melhor com seu sofrimento, como por exemplo, poder sair do trabalho por alguns minutos durante o expediente, poder descansar um pouco mais durante os intervalos.

O significado do trabalho pode ser visto de forma diferente por pessoas que ainda não conseguiram alcançar suas metas e objetivos e que passam por sofrimento intenso no trabalho e na vida financeira, como é o caso do entrevistado VII que respondeu da seguinte forma:

Entrevistado VII:

“Significa fonte de renda. Pra mim acho que trabalho... pelo menos os últimos trabalhos que eu tive não teve nenhum que me trouxesse paixão ou alguma coisa que eu gostaria de fazer, simplesmente uma fonte de renda porque a gente precisa de dinheiro”.

É possível que o entrevistado ainda não tenha encontrado um trabalho que realmente goste, algo que lhe satisfaça, por vários motivos como falta de oportunidade, e como ficou claro, por necessidade teve que trabalhar com o que lhe apareceu. Assim sua visão do que é trabalho é menos “romântica”.

Além disso, é possível relacionar a percepção do entrevistado VII com a visão de Codo (1989), visto que o indivíduo vê no trabalho apenas uma fonte de renda, ou

seja, troca seu tempo e esforço por um salário, ação que de certa forma aliena o indivíduo de si mesmo e possivelmente dos frutos de seu trabalho, levando o mesmo a um descontentamento com as atividades realizadas, ou até mesmo com a vida.

Dessa forma, pode-se entender também que a questão financeira também pode ser a forma pela qual o indivíduo encontra sentido em seu trabalho, – o que não parece ser o caso do entrevistado VII - não impedindo que se sinta satisfeito simplesmente com seu salário. A questão financeira pode ser fator amortizador da dor em certos casos, talvez porque desvie a atenção do indivíduo dos fatores negativos de seu trabalho.

Você tem prazer no trabalho? (O que dá prazer no trabalho?)

Entrevistado I:

“No meu outro trabalho meu prazer era... só a recompensa financeira, não tinha reconhecimento, aqui eu tenho o reconhecimento dos gestores, que a gente tem bastante, pelo menos eu tenho bastante reconhecimento aqui da minha diretora né, e dos colegas de trabalho também, e também deles...que são os alunos, de ver que eles estão trabalhando... isso pra mim que é o que faz valer a pena”.

Entrevistado III:

“Tanto na parte da preparação, porque né... é um desafio, às vezes você tem que relembrar coisa de muito tempo atrás, ou mesmo estudar pela primeira vez porque você não viu aquilo direito né, mas também na sala de aula, é... quando você pega por exemplo turmas, alunos que tão motivados e são interessados, cê percebe que é um ganha-ganha, uma troca de experiência é... muito interessante porque eu não só ensino eu aprendo, não é de hoje em dia, eu sempre pensei assim”.

Entrevistado IV:

“Olha eu sempre achei prazeroso o espírito do trabalho em equipe, eu amo sentar numa roda que... e poder dizer assim: óh pessoal vamo discutir um assunto pra melhoria de tal coisa”.

Entrevistada V:

“Eu sempre gostei muito de tratar bem as pessoas, acho que isso é primordial né, independente do que a gente... hoje eu tenho a responsabilidade de mostrar para os meus chefes, bater as metas claro, mas fazer com que o grupo, a equipe que eu conduzo aqui, são poucas pessoas mas eu sou chefe de algumas pessoas... mas

fazer com que esse grupo seja harmonioso senão não dá certo. Porque senão qualquer um que trabalha aqui pode se sentir insatisfeito e não ter motivação pra trabalhar e o que eu gosto de dar pras pessoas é essa motivação pra trabalhar, pra mim isso é muito gratificante”.

Nestes trechos das entrevistas é possível associar os conceitos de Frankl, principalmente o otimismo trágico, onde mesmo em situações adversas é possível encontrar sentido, não necessariamente para a vida, mas para aquele momento e condições específicos. Os entrevistados encaram os desafios de seus trabalhos como oportunidades para crescimento e desenvolvimento pessoais, e dessa forma, encontram sentido no que fazem, que neste caso está ligado ao outro, como por exemplo ensinar outros, motivar, trabalhar em grupo e ter o reconhecimento do outro.

Outra forma de interpretação das respostas é o fator exclusivista e individual atribuído ao sentido da vida apresentado por Frankl, em que cada pessoa encontra seu próprio sentido. Frankl, considera o sentido da existência como único e exclusivo. Dessa forma, somente a pessoa em questão pode cumprir, e satisfazer sua vontade de sentido, que por sua vez é descrita como motivação primária da vida (FRANKL, 1991, p. 60). Desse modo, apesar de serem todos relacionados ao reconhecimento do outro, são formas diferentes de encontrar sentido, visto que cada um dos indivíduos tem percepções diferentes, obviamente, e cada qual satisfaz suas necessidades também de formas diferentes. Ou seja, cada pessoa poderá encontrar sentido de formas diferentes, e cada um irá encontrar o seu sentido exclusivo.

Tais considerações podem fazer sentido devido ao fato de os seres humanos serem animais gregários, sociais e sempre estarem se relacionando, pensando em pessoas e até mesmo pensando sobre o que as outras pessoas pensam. O que também pode parecer contraditório em relação ao conceito do sentido exclusivo. Se cada indivíduo está buscando seu próprio sentido, que é exclusivo e só pode ser encontrado por ele, porque estaria buscando sentido se comparando com os outros indivíduos? Tentando entender o que faz sentido para os outros e assim, que pode fazer sentido para si também?

Apesar disso, o conceito apresentado por Frankl não perde consistência, uma vez que mesmo buscando sentido através da validação ou aprovação do outro, sentindo-se importante para o outro, o sentido do indivíduo continua sendo exclusivo, continua sendo pessoal.

Em relação à resposta da entrevistada V, é possível afirmar que mesmo que não seja verdade que ela traga motivação para os seus subordinados, o fato de que ela acredita que o faz, a torna feliz. Mesmo que possivelmente esteja fantasiando uma perspectiva, tal possível fantasia satisfaz suas necessidades. Porém, caso seja confrontada com essa possível realidade, o impacto pode causar grande decepção, levando assim ao sofrimento. Sofrimento esse que poderá de alguma forma ser remanejado, ou encarado de alguma forma positiva.

Como deveria ser o trabalho ideal? O quão distante ele está do ideal?

Entrevistado I:

“O ideal era que todos saíssem daqui (faculdade) e alcançassem seus objetivos, mas a gente sabe que não depende só da sala de aula, do professor, tem variáveis que a gente não consegue controlar então... a gente fica muito frustrado quando o aluno sai daqui e não consegue ter uma promoção, ter um desenvolvimento profissional adequado, acaba ficando estagnado na mesma posição que ele entrou, então isso me incomoda um pouco”.

Entrevistado IV:

“Então o ideal de um trabalho, eu acredito que seria o seguinte é...eu acredito que nós ainda não encontramos. Eu não acredito porque... é... e outra coisa às vezes a pessoa diz assim, ah eu sou feliz com meu trabalho! Não, eu tenho momento felizes e tenho momentos depressivos, tenho momentos de humilhação né, então eu tenho momentos, agora, eu preciso saber viver esses momentos e com esses momentos né”.

Entrevistada V:

“Ideal? Ideal é meio que uma palavra assim né... o que que é um ideal? Então quer dizer, é ideal eu bati meta então pra mim foi ideal (risos). Eu trabalhei, cumpri uma meta estabelecida foi ótimo, né, cumpri algo, mas acho que ideal nunca chega né, a gente tem sempre que buscar um pouco mais, é aquilo que eu falei pra você, buscar um pouco mais aqui, um pouco mais ali, mas o ideal é como aquela felicidade plena, não existe”.

Entrevistado VI:

“Ideal?... Onde as decisões... não dependessem só de mim, mas que eu tivesse um grande peso. Como por exemplo, seja um cargo de gerência por exemplo, ou... seja

o dono de uma empresa onde a decisão ela tem que passar por mim (...) eu acho que é...é... algo da minha personalidade, eu tenho isso comigo de ter a liderança de algo, das coisas, de assumir, de apontar o caminho”.

Através das respostas apresentadas é possível traçar um paralelo com a questão da felicidade e do sentido momentâneo de cada situação. Por exemplo, os entrevistados IV e V entendem que o ideal não pode ser alcançado, e que talvez como mencionado por Frankl, seja como a busca pela felicidade onde não se pode encontrá-la buscando diretamente por ela e sim, por meio de alguma ação. Além disso, talvez não exista um trabalho ideal devido ao sentido passageiro que pode ser atribuído a cada situação de trabalho e a cada momento distinto da vida do indivíduo.

O entrevistado I entende que o ideal não depende somente dele e que existem muitas variáveis, outros fatores que não estão sob seu controle para que o ideal em seu trabalho aconteça, como por exemplo as empresas darem oportunidade aos graduandos e recém formados, os alunos se dedicarem mais e assim se tornarem melhores profissionais, mais preparados. Também, mesmo que perguntado sobre o seu ideal individual, o entrevistado aponta a satisfação dos outros - os alunos formados serem promovidos em seus trabalhos – como ponto de satisfação pessoal.

Em relação à declaração do entrevistado VI é possível afirmar que ele realmente acredite no trabalho ideal, e que assumir a liderança faz parte de sua personalidade e desta forma, enxerga isso como um possível sentido para suas ações, para seu trabalho, mesmo que no atual estágio de sua vida ainda não tenha alcançado tais objetivos e assim, percebe sua idealização no horizonte, como algo a ser conquistado. Percebe que o seu ideal está em poder se expressar, poder influenciar pessoas, e que a liderança o torna uma pessoa influente.

Conectando as duas questões “como deveria ser o trabalho ideal?” e “o quão distante ele está do ideal?” foram obtidas as seguintes respostas:

O quão distante ele está do ideal?

Entrevistado II:

“Bom é preciso levar em conta que... a equipe é nova, a empresa já é bem estabelecida né, uma instituição de grande porte, a maior do setor, mas a equipe que eu estou formando é nova, tem muito turnover nesse processo, então a gente ta se

estabelecendo ainda... pra mim falta bastante, tá longe do ideal, mas tudo isso tem que ser levado em conta”.

Entrevistado III:

“Hoje em dia se tem falado muito do home office né, e essas formas diferentes de se trabalhar, acho que é também muito o que tem acontecido com as empresas de tecnologia, o Google por exemplo, onde eles tentam fazer o cara se sentir o mais a vontade possível né... acho que entenderam que o cara não pode ficar bitolado lá. Mas acho que a maioria dos jovens não está preparado pra isso ainda, porque requer uma força de disciplina muito grande”.

O que se pode notar nessas respostas é o caráter imediatistas, onde os entrevistados não responderam o que seria o ideal para eles em termos de trabalho, mas o que agora seria o ideal no trabalho em que está, isso em relação à metas e resultados, e também o que seria um trabalho “ideal” não exatamente para ele, mas de forma geral.

Ainda, é possível entender que as pessoas não estão nem ao menos pensando sobre o que seria realmente o trabalho ideal para elas, não estão refletindo, mas apenas “fazendo as coisas que aparecem”, de forma bastante pragmática, o que possivelmente pode tanto aliviar um possível sofrimento, visto que nem ao menos se pensa sobre a vida, quanto esconder as possíveis angústias que o indivíduo sente e não tem ciência pois não está pensando sobre.

Você tem sofrimento (sacrifício) no trabalho? O que causa sofrimento no trabalho?

Entrevistado VII:

“Ah... eu acho muito desagradável... falta de empatia com o próximo. Eu não vejo isso de fora, do pessoal que vem aqui, dos alunos, mas sim dos funcionários que trabalham comigo, então assim, acham que é o rei da razão, mandou tem que fazer, entendeu? Não vê a pessoa como pessoa, como colega de trabalho, vê como se fosse um subordinado, então a falta de empatia”.

Entrevistado IV:

“Olha... eu ainda acho que o grande problema chama-se relacionamento humano, né, é... se não houvesse essa ambição negativa do ser humano, é... dá a impressão que tá todo mundo lutando por uma herança né, é uma batalha... então se não fosse esse

problema de relacionamento humano eu acho que seria perfeito. Então eu acho que essa ambição nossa negativa, é o que provoca essa depressão, esse estresse, essa tensão né, por quê? Porque invés de eu procurar dar o meu melhor, e tentar eu crescer, eu fico olhando pro próximo, o melhor do próximo e eu quero ser melhor que ele, uma competição. Então eu acho isso totalmente destrutivo para o ser humano”.

As duas respostas foram destacadas por serem as mais relevantes, mencionando o relacionamento com os outros como fator principal do sofrimento no ambiente de trabalho. De fato, o relacionamento com os pares é uma parte importante do trabalho de qualquer indivíduo. A falta de empatia e a competição podem despersonalizar as pessoas, como também mencionado por Codo (1992), onde a ansiedade e a insatisfação, podem ser fatores que causam o sofrimento no ambiente de trabalho, ou na organização e execução do trabalho. Dessa forma, quando o colega de trabalho ou o superior não enxerga seu próximo como uma pessoa, que também sente, tem ambições e necessidades, o ambiente de trabalho pode ficar extremamente estressante e tornar difícil o convívio. Desse modo, o indivíduo não se vê importante naquele contexto o que acaba gerando o sofrimento.

Além disso, no trecho em que o entrevistado IV declara: “*se não houvesse essa ambição negativa do ser humano, é... dá a impressão que tá todo mundo lutando por uma herança né, é uma batalha...*”; uma possível interpretação pode ser que os valores desta sociedade, deste contexto, sejam de que realmente os envolvidos estão em uma corrida para alcançar seus objetivos, sua felicidade, e que não entendem que cada um pode alcançar a “sua” felicidade sem tirar a do outro, ou seja, somente um pode “se dar bem”, somente o melhor pode ser feliz. A respeito disso Frankl enfatiza que cada um é responsável por encontrar a sua felicidade e seu propósito. Talvez, o sofrimento pode ser gerado a partir do momento em que as pessoas não compreendem este pensamento.

Ademais, a competição no ambiente de trabalho, torna cada vez mais difícil a tarefa de se redefinir o sofrimento, ao passo que o indivíduo só enxerga problemas, ou que precisa lidar diariamente com situações desagradáveis com os colegas de trabalho, e assim não consegue de fato perceber nenhum motivo na organização de seu trabalho que valha pelo seu sofrimento.

Além de que, é possível que as pessoas entendam que as outras sirvam de espelho, ou que de certa forma, enxergar os outros como melhores possa servir de

algum modo como inspiração, sentido para onde ir, para alcançar alguma coisa, como *status* social, cargos, estilo de vida. Que talvez sirvam como referência. Assim, é possível associar tal pensamento com a ideia de Frankl sobre o sentido da vida e responsabilidade. Tais indivíduos que encontram sentido comparando suas vidas com as dos outros, ou usando outros como referência, podem estar negligenciando a sua responsabilidade perante a vida. Mesmo assim, ainda continuam sendo responsáveis por seus atos, suas escolhas.

Como você lida com essa realidade, com esse sofrimento?

Entrevistado I:

“É que assim, quando você entra pra esse tipo de empresa que objetivo de meta muito grande, a gente fala que essa empresa faz da gente uma laranja, aperta, tira todo o suco, quando sobra só o bagaço, joga fora. E eu percebi que quando eu comecei a estudar, comecei a focar na parte acadêmica, falei, eu vou inverter esse processo, vou fazer... o banco a minha laranja, então vou espremer, vou usar, vou sugar tudo aquilo que eu precisar pra poder estruturar minha carreira, na hora que eu conseguir, eu saio e faço a transição (...) é... doía menos né. E eu lidava com o sofrimento sabendo que ali era temporário, que eu tinha que fazer, que tinha que executar, mas que eu não ficaria ali por muito tempo porque o meu objetivo era fora de lá”.

Entrevistado II:

“É assim... claro, tem dias que nós não estamos bem, é natural de todo ser humano, isso é um ciclo natural da vida né, não vou tá 365 dias bem né (..) então assim, tudo o que acontece fora do trabalho a gente não deve levar pra dentro do trabalho, e todo... problema de dentro do trabalho a gente não deve levar pra vida pessoal, pra dentro de casa, então assim é... tem dias que eu não to bem, porém, eu jamais transmito isso pra minha equipe, porque eu trabalho muito com motivação se eu não tiver motivado como os que tão comigo vão se motivar, então é... eles têm que se espelhar em mim, então tem dia que a gente... literalmente usa o coach né (risos), a gente incorpora e faz com que as coisas aconteçam”.

Entrevistado III:

“Eu diria assim... a gente gerenciava um dia por vez”.

Entrevistado IV:

“Olha, a primeira coisa que dava vontade de continuar é que, a gente na... idade de vocês né, a gente sempre tem a esperança de que vai melhorar... né, vai melhorar, vai melhorar, vai melhorar, e... de repente a gente começa nessa fase de... eu chamo de maturidade... porque quando eu era... ó vou galgar cargo, galgar cargo, porque eu quero ganhar mais dinheiro! Pra mim isso no fim acaba sendo... vazio, né, sendo vazio. Então dentro dessa visão assim o que me impulsionava, é aquela visão estudar, se formar, casar, ter filhos, formar os filhos e tudo isso requer dinheiro né (...) e aí aqueles pensamentos que você tem, às vezes até como paradigma que vem né, lá de trás... de você... buscar todas essas coisas né. Então durante um período eu segui o protocolo e talvez... muito acontece isso, provar pro mundo que você vence (...) mas eu acho que acabei conseguindo porque tinha objetivos longos né, formar os meus filhos”.

Entrevistada V:

“Porque a gente tem também tá, eu sou humana eu sou um ser humano, eu tenho dores igual a todo mundo, eu tenho sofrimentos, angústias igual a todo mundo, mas a minha angústia particular ela é minha, eu não vou deixar a minha angústia de repente interferir no meu trabalho (...) a gente tem que saber separar as coisas e hoje em dia as pessoas não sabem separar. Até porque eu aprendi isso na psicanálise, imagina se a pessoa que vem me consultar me fala uma... queixa e... eu entro na queixa, começo a me vitimizar, não dá né”.

Entrevistado VI:

“Eu acho que assim, é... como eu faço pra isso não soar clichê (risos) eu acho que assim... o problema só te importuna a partir do momento que você permite, ah mas falar é fácil, é muito bonito na fala isso, mas infelizmente é isso, acho que... problemas eles existem para ter soluções não existe nenhum problema ou dificuldade por que esteja passando que não existe uma solução, ah mas eu tô com problema financeiro não pago minhas conta, isso me tira o sono, existe uma solução, controle seus gastos, ah to com problema de saúde, vai fazer uma academia um exercício físico, todos os problemas existe uma solução. O que acontece muitas vezes é nós não queremos enxergar”.

Entrevistado VII:

“Ah assim... diante dos problemas eu tento não ligar muito, tem coisas que te afetam, tem coisas que te afetam, mas tento ficar na parte boa, chegar aqui... tem pessoas que você pode ver, pode conversar, pode ter uma comunicação boa, você vem e foca na parte boa, uma hora você vem aqui e... vem uma pessoa e te distrai, tenta não ligar, tenta passar por cima”.

Analisando as respostas acima, é possível notar o otimismo trágico de Frankl, quando o indivíduo enxerga sentido em seu sofrimento tentando tornar aquilo em algo positivo, em algo que valha a pena continuar trabalhando. O entrevistado I usa um ditado de sua área e subverte os papéis, aproveitando sua posição de gerência para financiar seus estudos, utilizar todos os recursos disponíveis legalmente para construir uma nova carreira, mais satisfatória e assim encontra sentido naquele sofrimento anterior.

Já o entrevistado II apresenta dois pontos interessantes a respeito da forma de lidar com seus possíveis sofrimentos. O indivíduo entende que existe uma imagem de si que é preciso ser mantida, a imagem do “gestor motivado”, e assim mesmo nos momentos em que não se sente bem no trabalho, precisa mostrar aos seus liderados que está bem, que está motivado, e acredita que assim os mesmos se sentirão compelidos a trabalhar mais motivados. Dessa forma, mesmo que o efeito idealizado do entrevistado II – motivar os seus subordinados - não seja real, pelo fato de acreditar que isso é importante, ele se sente feliz, cumprindo um suposto papel.

O outro ponto mencionado pelo entrevistado II é saber separar a vida pessoal da vida profissional, sempre mencionada na área de recursos humanos. É possível que exista sim consistência nesta visão, porém as pessoas não têm uma “chave” em suas cabeças que podem girar e simplesmente desligar do que acontece em outras áreas de suas vidas, o que torna a questão mais complexa do que geralmente é tratada, com pragmatismo.

É importante destacar o caráter transitório da vida e possivelmente das coisas e das situações, mencionadas por Viktor Frankl, onde talvez seja possível encontrar sentido para situações diferentes, em momentos diferentes da vida de cada pessoa. Os entrevistados I e III, expressam esse pensamento quando salientam a questão do tempo, do passageiro, do transitório de formas diferentes. O entrevistado III lidava com seus possíveis sofrimentos vivendo um dia de cada vez e assim, resolvendo os

problemas que surgiam naquele dia. O entrevistado I sabia que em um futuro não tão distante, não estaria mais naquele trabalho e, portanto, tudo o que enfrentava ali faria sentido em breve.

Em relação ao entrevistado IV, é possível observar um certo descontentamento com o sistema social, que o mesmo descreve como “protocolo”, que seria “*aquela visão estudar, se formar, casar, ter filhos, formar os filhos*” mas que ao mesmo tempo o impulsionava a continuar trabalhando. O que também pode indicar uma certa visão altruísta, em que o indivíduo não faz o que faz somente para seu próprio benefício, mas também para o de outros, no caso a família, compreendido como algo maior.

A entrevistada V reforça a ideia de que é necessário a separação entre a vida pessoal e a profissional, mas no início de seu depoimento, apesar das declarações serem verdadeiras, parece querer se defender, dizendo “*porque a gente tem também tá, eu sou humana eu sou um ser humano, eu tenho dores igual a todo mundo, eu tenho sofrimentos, angústias igual a todo mundo*”, talvez pensando que o entrevistador/autor deste trabalho achasse que por estar em uma posição de gerência, tais questões – dores, sofrimentos e angústias – não a acometiam. No entanto, assumindo que existem angústias e sofrimentos em seu trabalho, a entrevistada V pode estar assim manifestando a responsabilidade por suas decisões, conectando com a suposta autoconsciência, ou “bom senso” de não deixar a vida pessoal interferir em seu trabalho e vice e versa.

Os entrevistados VI e VII mostram uma postura bastante positiva em relação aos sofrimentos, aos problemas enfrentados no trabalho, o que reforça a visão de Frankl sobre o otimismo trágico. Cada um interpreta a questão de uma forma, no caso do entrevistado VI, existe uma certa idealização, talvez até mesmo ingênua, de que todo e qualquer tipo de problema tem solução, talvez por ainda não ter enfrentado problemas de fato insolúveis, ou altíssimos níveis de estresse. Já o entrevistado VII, entende que existem outras coisas em seu trabalho que podem amenizar seu sofrimento, como o convívio e atenção de outras pessoas.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos para o desenvolvimento deste trabalho, visavam compreender como o funcionário percebe e lida com o sofrimento no trabalho tendo como base a visão da psicologia existencialista de Viktor Frankl; apresentar conceitos sobre sofrimento no trabalho e logoterapia; entrevistar pessoas de diferentes profissões, faixas etárias e experiências de trabalho; e analisar os principais fatores que causam sofrimento e estresse no ambiente de trabalho.

O estresse e sofrimento no ambiente de trabalho, podem ser gerados a partir de uma insatisfação profunda, ou até mesmo uma incompatibilidade entre as tarefas, a função desempenhada e a personalidade do indivíduo. O que foi possível constatar na análise deste trabalho, é que a relação com os pares é fator decisivo dentro da organização. Em muitas passagens, os entrevistados deram a entender que a sua satisfação muitas vezes dependia do reconhecimento, da empatia dos outros.

Os principais *insights* proporcionados por este trabalho estão relacionados ao principal questionamento: “como o funcionário percebe e lida com o sofrimento no trabalho?” e foi possível entender que realmente, como fora imaginado, cada pessoa desenvolve em si alguma forma diferente de lidar com seus sofrimentos. Algumas pessoas têm uma certa confiança, que pode ter vindo com a experiência, de que o fato de estarem trabalhando já é motivo de alegria, que veem no trabalho uma forma de expressarem sua dignidade, assim entendem que sacrifícios, ou até o sofrimento e as dores são partes do processo.

Ainda, o trecho que mais chamou atenção foi no qual o entrevistado I fala que a empresa, no caso o banco onde trabalhou, faz do funcionário uma “laranja”, espreme o máximo que pode e depois joga fora o bagaço. A inversão dos papéis, do ponto de vista do entrevistado, demonstra uma quebra total de paradigma e expressa claramente como é possível levar em consideração as principais atitudes do conceito de otimismo trágico, transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana; retirar da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis (FRANKL, 1991, p. 79).

Além disso, foi possível descobrir uma nova forma de pensar a vida, uma nova forma de encarar a vida, através do existencialismo. Muitas vezes as ideias levantadas pelo existencialismo podem se mostrar frias, ou até um tanto cruéis, pois tenta levar em conta o que de fato acontece na realidade conhecida pelo homem, onde o indivíduo nasce, cresce e morre. Em que durante a vida muitos questionamentos são feitos, mas poucos são de fato respondidos. Traz uma nova perspectiva, uma nova forma de pensar porque entende o ser humano como ser responsável, e que pode escolher, pode decidir.

Devido a sua experiência nos campos de concentração, é possível afirmar que Viktor Frank tinha certa autoridade para explicar como as pessoas lidam com o sofrimento em condições precárias, e até mesmo o sofrimento no trabalho. De fato, suas visões em relação à vida, juntamente com a psicologia existencialista, se mostram ferramentas bastante úteis para tais propósitos. No entanto, as visões e pensamentos do autor talvez sejam melhor aplicados a questões realmente extremas, como foi o caso quando as escreveu, pensando no campo de concentração e no desenvolvimento da logoterapia, onde lidava com potenciais suicidas.

Em relação ao otimismo trágico, apresentado por Frankl, é necessário pontuar que, muitas vezes ao decorrer da vida não é possível encontrar sentido para determinadas coisas ou situações, muito menos no sofrimento. Um exemplo seria o próprio holocausto, uma tragédia sem precedentes, que matou milhares de inocentes e que não aparenta ter sentido algum. No entanto o próprio autor lembra que não tem a intensão de impor tal pensamento (FRANKL, 1991, p. 79).

Embora seja possível relacionar as respostas com a visão de Frankl, talvez esta não seja a melhor forma para verificar o sofrimento no trabalho, porque muitas vezes a questão monetária, ou de necessidade, se mostra suficiente para tentar explicar tais aspectos, mesmo que pareçam simples demais. É importante ressaltar que, devido à complexidade do tema, a intensão deste trabalho não foi de apontar respostas ou soluções definitivas para o sofrimento humano no ambiente de trabalho, mas sim abrir uma nova discussão sobre o tema, e “se uma parte desta relação é consciente, esta parte não é mais do que a ponta do iceberg” (DEJOURS, 1992, p. 50).

As dificuldades na análise das entrevistas começam a partir das próprias perguntas. Devido a profundidade do tema, não é tarefa das mais fáceis desenvolver perguntas que sejam compatíveis com os objetivos, e deve-se levar em conta que nem todos os entrevistados estariam dispostos, ou saberiam responder questões mais complexas ou profundas. No entanto, a metodologia usada foi útil para cumprir com os objetivos definidos no início do trabalho.

A experiência de entrevistar os voluntários foi interessante e proveitosa. Todos os entrevistados se mostraram bastante solícitos e interessados em contribuir com suas experiências para o desenvolvimento deste trabalho. Devido à diversidade de áreas de atuação dos mesmos, abriu-se novos olhares sobre o que é trabalho, sobre o mercado de trabalho, sobre como é possível encontrar sentido, e que, apesar de não conhecer de fato os entrevistados, ainda ter esperança de que o mundo ainda conta com uma maioria de pessoas boas, que realmente querem fazer algo para que as coisas aconteçam, que mudem para melhor.

As experiências e conhecimentos obtidos através deste trabalho de conclusão de curso, foram de grande proveito, devido ao grande esforço de pesquisa e aos novos referenciais acessados, abrindo uma nova perspectiva de entendimento sobre as pessoas, as relações de trabalho, as organizações, a sociedade e principalmente sobre a existência humana.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Douglas. **O guia do mochileiro das galáxias**. São Paulo: Arqueiro, 2010.
- Burger, D.H., Crous, F., & Roodt, G. **Exploring a model for finding meaning in the changing world of work (Part 3: Meaning as framing context)**. *SA Journal of Industrial Psychology/SA Tydskrif vir Bedryfsielkunde*, 39(2), Art. #1022, 10 pages. <http://dx.doi.org/10.4102/sajip.v39i2.1022>, (2013).
- CABRAL, João Francisco Pereira. "Capital, Trabalho e Alienação, segundo Karl Marx"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/capital-trabalho-alienacao-segundo-karl-marx.htm>>. Acesso em 09 de abril de 2019.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. **Creativity: Flow and the psychology of discovery and invention**. New York: Harper Perennial, 1996. PMid:8656320
- CODO, Wanderley. **Um diagnóstico do trabalho – Em busca do prazer**. In: CODO, W. (org.). *Por uma psicologia do trabalho; ensaios recolhidos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.75-97.
- CODO, Wanderley. (São Paulo) (Org.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CORTELLA, Mário Sérgio. **Por que fazemos o que fazemos?: Aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização**. São Paulo: Planeta, 2016.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FEIST, Jess; FEIST, Gregory J. **Theories of personality**. New York: The McGraw and Hill Companies, 2015
- FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FRANKL, Viktor E. **Psychotherapy and existentialism: Selected papers on logotherapy**. New York: Washington Square Press, 1967.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. 35. ed. São Paulo: Vozes, 1991.
- FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- LUNARDI FILHO, W. D. **Prazer e sofrimento no trabalho: contribuições à organização do processo de trabalho da enfermagem**. Porto Alegre, 1995, 288 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento Organizacional**. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Os Pensadores**. São Paulo – SP: Abril S.A. Cultura e Industrial, 1973.

SCHLITTLER, José Maria Martins. **Como Fazer Monografias**. Campinas – SP: Servanda Editora, 2008.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1981.

WEBER, R.J. **The created self: reinventing body, persona, and spirit**. New York: Norton, 2000.